

JSD/Açores, qual o caminho?

A JSD/Açores, ao longo dos últimos mandatos, tem vindo a restringir o seu campo de visão numa perspetiva cada vez mais reduzida no que concerne ao seu amplo quadro de problemáticas.

Mas antes se colocar no cerne de toda a questão política, cabe à Juventude Social-Democrata algo que, em décadas da sua história, não se observou como capaz de analisar, muito pelos objetivos inerentes ao número de delegados que a nossa estrutura regional representa em termos de rateio.

Os cadernos eleitorais da JSD, embora ainda não recorram ao mecanismo de proteção de dados, obrigatório por lei, produz-se numa gritante panóplia desconsertada, o que, de eleição para eleição, com nomes trocados, contactos telefónicos desatualizados e com 60% a 70% dos militantes desinteressados da vida ativa da JSD, onde são mais aqueles que se interessam por aceder a cartas de desfiliação do que a exercer efetivamente o seu direito de voto. Mais, arrisco a acrescentar que uma percentagem dos votantes fazem-no por afinidades e conhecimentos do que propriamente pelo interesse político que o seu direito irá representar.

Esta entidade pela qual nos encontramos todos hoje, ao longo dos últimos anos tende a desvalorizar a perda recorrente de militantes: é um facto. Apesar disto, possuímos como militantes ativos, pouco mais de 400 militantes num cenário global de mais de 1300 militantes, colocando-se em análise que a iniciativa de ir votar, de integrar as estruturas ou manter o interesse tem de ser feita única e exclusivamente por diversos contactos e quase assimilando que é contra vontade.

Dá ser fundamental a importância de se centralizar a necessidade de reformular a base de dados dos militantes da JSD/Açores, efetuando uma abordagem direta aos mesmos, de forma a aproximarmo-nos das bases com o intuito de avaliar o seu real interesse em continuar na estrutura, como os podermos incentivar a se tornarem efetivamente interessados em participar. Contudo, parece que paira (ou, neste caso, pairou ao longo dos últimos anos desta Comissão Política Regional) o medo ou o desconforto em poder estar a aumentar a sua massa crítica. Isto não pode nem deve acontecer, uma vez que deverá ser do nosso interesse que o nosso papel democrático se torne saudável e não

seja apenas encarado como uma afronta aos sistemas. Aliás, já dizia um grande senhor: “O que não posso, porque não tenho esse direito, é calar-me, seja por em que pretexto for.”.

Dáí sugiro, juntamente com o meu companheiro Bruno Rodrigues, o seguinte:

Reformulação dos Cadernos eleitorais da JSD/Açores, através de contactos com os militantes das estruturas com o objetivo de atualizar os seus dados e de perceber se, efetivamente, o seu interesse em continuar como militante desta estrutura partidária. Caso não se verifique este interesse, cabe a nós, núcleos, CPC’s, CPI’s e CPR trabalhar em conjunto para melhorar a nossa perspetiva pública: não podemos continuar a ser vistos como “Jotinhas Carreiristas”; Não podemos ser vistos como “Um grupo de rapazes a brincar à política”; temos que ser sérios e não apenas chegar aos momentos das Eleições Autárquicas ou Regionais e “pedir lugares” (sim, uso esta expressão porque foi-me dita por um candidato a uma Comissão Política de Ilha: um dos projetos dele era as autárquicas e o seu plano era reivindicar lugares elegíveis junto dos cabeças das mesmas – o que, por si só, é apenas ridículo. Qualquer lugar elegível atribuído a um membro de JSD tem que ser conseguido através do mérito e do seu trabalho em prol desta estrutura).

Com estes pontos supracitados, outra sugestão é a de **Apresentação anual de planos gerais prévios de ação**. Com isto pretende-se que as estruturas locais e de ilha possam estar coordenadas nas diversas ações regionais que possam ser apresentadas pela Comissão Política Regional. Os momentos de reunião e, atenção, as **Atas das Reuniões** (sim, porque ao que parece não há elaborações de Atas de Reuniões – como podemos saber o que foi discutido? Se as coisas não são feitas com rigor e profissionalmente, nunca deixaremos de ser “Grupos de Rapazes a brincar à política). Ao longo dos anos, além de se começar a considerar reuniões com estruturas internas da JSD como matéria possível de explanar num suposto programa de balanço de mandato, o que por si só é irónico, pois, reunir com as bases deveria de ser considerada uma obrigação e não uma projeção para que se possa colocar dezenas de atividades para justificar o injustificável. Cabe-nos, enquanto estrutura regional a apresentação enquadrada com as problemáticas, tanto dos jovens trabalhadores-estudantes, como dos nossos estudantes deslocados bem como de todas as outras vertentes, onde se insere também matérias que é imperativo defendermos como a incentivo à natalidade, incentivo à graduação académica e outras

formações profissionais, assim como o combate à toxicodependência. Isto são apenas exemplos de um número infindável de questões que a estrutura regional da JSD/Açores nos últimos anos, pelo que parece e visto “de fora”, não se preocupou em reivindicar.

Um outro exemplo, aplicado à problemática cada vez mais evidente no nosso Arquipélago, **é urgente que a JSD/Açores crie, proponha, reivindique ações para problemáticas estruturais da região, como o combate às toxicodependências.**

A juventude tem cada vez mais dificuldades em preencher e equilibrar o seu círculo ocupacional. Entendemos por círculo ocupacional o preenchimento do nosso dia-a-dia, com atividades significativas, onde se inserem as atividades de vida diária, a atividade profissional e/ou ocupacional, o lazer e o descanso/sono.

Neste momento, estamos perante situações constantes de aumento de taxas percentuais de consumos de opiáceos, drogas sintéticas e outros fatores estimulantes e/ou aditivos. Uma das explicações para este facto é o ponto supracitado.

Com a situação COVID-19 este problema agravou-se, sendo que foi extremamente complicado colmatar o desequilíbrio ocupacional que se fez sentir no último ano e meio. Não foi um problema gerado pela pandemia, mas sim um problema que ficou mais visível após todos estes meses.

Escasseiam as ações de prática desportiva não federativa, cada vez mais há um “passar de culpa” para os clubes e instituições, fazendo com que eles se responsabilizem por esta ocupação dos tempos livres. As “Escolinhas do Desporto”, por exemplo, eram importantíssimas no colmatar deste desequilíbrio. Os torneios escolares, promovidos pelos serviços de educação física das escolas ou pelas associações de estudantes, também eram fatores que contribuía para colmatar este défice de atividades.

É necessário que nós, concelhias e núcleos, consigamos promover ações e momentos de prática desportiva não federativa, bem como outros momentos referentes à cultura e lazer, essencialmente durante os períodos de férias letivas e época alta (verão) com vista a contribuir para hábitos de vida e rotinas equilibradas da nossa juventude. Mas esta responsabilidade, lá está, tem que estar inerente à prática e gestão de dinâmica interna

da estrutura da JSD/Açores, voltando a reforçar a pertinência da apresentação dos planos gerais de ação.

Não podemos nos preocupar apenas com o “ser presidente” ou pertencer à JSD, temos sim que nos identificar como cidadãos ativos e trabalhar em prol dos jovens.

Não pode a maior juventude partidária dos Açores esperar que sejam única e exclusivamente os jovens a vir ao seu encontro a apresentar as suas problemáticas; não pode a JSD/Açores apenas reagir às adversidades; a JSD/Açores tem a responsabilidade e, arrisco a dizer, obrigação de agir e de ir ao encontro dos jovens açorianos.

Temos que ser sérios e assumir a nossa responsabilidade, bem como a defesa dos interesses da juventude da nossa região face à governação onde a nossa estrutura também está integrada.

Termino com esta frase de um autor desconhecido: “A política pode ser o ato nobre de prezar pelos interesses da população ou a infame arte de enganar a população para atender aos interesses próprios!”.